

Filosofia que se aprende na escola

Crianças de sete a 14 anos desenvolvem o raciocínio, a criatividade e o espírito crítico dentro da própria sala de aula

João Pitella Jr.
Da equipe do **Correio**

Mariane França da Silva, de sete anos, não hesitou um segundo quando a sua professora perguntou qual era a melhor maneira de se responder a uma indagação: "Com a verdade". Mariane é uma das alunas do curso de Filosofia na Escola, uma iniciativa de professores universitários para levar a filosofia às crianças do ensino fundamental.

O programa, que surgiu nos Estados Unidos, chegou ao Brasil no início dos anos 80 e hoje atinge 550 escolas em todo o país, alcançando 180 mil alunos. A idéia não é apresentar aos meninos o pensamento de Aristóteles e Platão, mas ensiná-los a desenvolver o raciocínio, a criatividade e o espírito crítico.

Na Escola Classe 304 Norte, em Brasília, a professora Maria Luisa Conterato Brasiliano da Costa passa esses fundamentos, uma vez por semana, durante uma hora e meia, a um grupo de 30 crianças da primeira série, de sete a oito anos. Ela é uma das 30 docentes treinadas pela equipe do professor Walter Omar Kohan, do Departamento de Educação da Universidade de Brasília (UnB), que levou o projeto à rede pública de ensino em dezembro do ano passado. No Distrito Federal, o programa chega a 500 alunos (de até 14 anos de idade) de quatro escolas.

A aula começa com Maria Luisa contando uma história: Marcelo foi com o pai, João, para a Festa do Folclore da escola. Chegando lá, descobriu que os colegas do seu grupo não haviam aparecido. Marcelo telefonou para três amigos e cada um deu uma explicação dife-

rente: o primeiro estava sem dinheiro para a passagem de ônibus, a segunda não tinha uma calça nova para ir à festa e o terceiro simplesmente não queria ir.

A partir desse caso, os alunos passam a analisar se os motivos são "bons" ou "ruins", e raciocinam sobre cada um deles. Em seguida, as crianças formam grupos que dão outras sugestões de justificativas "boas" e "ruins" para a ausência dos amigos de Marcelo na festa. "O garoto pegou uma epidemia e não foi para não passar a doença para os outros", responde o grupo de Mariane França. "Se ela não foi porque não tinha uma calça, poderia ter ido de short", sugere Ronierickson Jales de Lima.

"Ele não foi porque preferiu ficar em casa comendo coxinha" e "porque estava com preguiça" foram desculpas apontadas como "ruins". Essas respostas, segundo a professora, mostram que as crianças já têm responsabilidade e noção da importância dos compromissos.

O professor Walter Kohan, coordenador do projeto, conta que os alunos não aceitam receber as matérias passivamente. "Quando alguém faz perguntas, eles respondem, mas também querem questionar, aprender", ressalta. "Eu gosto de fazer as duas coisas: responder e perguntar. Respondo o que sei e posso perguntar o que não sei", confirma um dos garotos da turma, Gustavo Flores Junker, de sete anos.

Em outra aula, os meninos refletiram em torno do significado da expressão "por quê?". "A gente pergunta isso para saber uma coisa que uma pessoa sabe e a gente não", resume Beatrice Cristina Ribeiro, de sete anos.

Anderson Schneider



Escola Classe 304 Norte: professores treinados e alunos que não aceitam receber as matérias passivamente

Projeto existe em dez estados

A *Filosofia para Crianças* foi criada, no final dos anos 60, pelo americano Matthew Lipman, e trazida ao Brasil, em 1985, pela professora Catherine Silva. Hoje, o programa existe no Distrito Federal e nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Maranhão, Roraima, Bahia e Espírito Santo. Em Brasília, o programa começou nas escolas particulares em 1992 e na rede pública, no final de 1997. O projeto existe em 30 países, entre eles México, Chile, Argentina e Uruguai.

Orientados pelos docentes dos departamentos de Educação, Psicologia e Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), os professores da Fundação Educacional do Distrito Federal fizeram um curso intensivo para se familiarizarem com o método de ensino da filosofia para crianças. Além da Escola Classe 304 Norte, participam escolas das cidades de Ceilândia, Gama e Núcleo Bandeirante.

"No cotidiano escolar, procuramos desenvolver uma prática filosófica baseada em trabalho solidário, respeito pelas diferenças entre os alunos, investigação criativa, debate participativo e resistência crítica", explica o professor Walter Kohan, coordenador do projeto. "A intenção não é estudar a teoria ou a história da Filosofia, mas sim estimular os alunos a aprofundarem os temas discutidos na sala de aula", acrescenta.

Ele frisa que não há o risco de as aulas de Filosofia se tornarem desagradáveis para os meninos. "Todas as crianças gostam de pensar e de perguntar. E ficam ainda mais contentes se isso for feito em grupo. Nas escolas convencionais, que não incentivam essas atitudes, elas acabam cansando", avalia. (PJr.)